

RIDENTES TRÓPICOS

“Um Outro Olhar - Diário da Expedição à Serra do Norte” traz quase 300 fotos inéditas e uma explicação possível para o fato de o antropólogo Lévi-Strauss “odiar” viagens

Mario Cesar Carvalho

enviado especial a Niterói

A segunda expedição de Claude Lévi-Strauss pelo interior do Brasil, entre 6 de junho e 14 de dezembro de 1938, ganhou uma aura mitológica por duas razões, pelo menos:

1. Foi registrada em “Tristes Trópicos”, talvez o mais famoso livro de antropólogo do século 20, não em tom de exaltação aos assombros do mundo selvagem, mas como confissão da crise do etnólogo, revelada logo na primeira frase do livro: “Odeio as viagens e os exploradores”.

2. Foi nessa expedição que Lévi-Strauss, ao observar a estrutura de parentesco dos índios nambiquaras, teria gestado o estruturalismo, uma abordagem que mudaria a história da antropologia.

Agora, 63 anos depois da viagem entre Cuiabá (MT) e Guajará-Mirim (RO), surge uma versão para o ódio de Lévi-Strauss: “A expedição à serra do Norte foi um fracasso total”, diz o antropólogo Luiz de Castro Faria, 88, que acompanhou Lévi-Strauss quando tinha 24 anos. Foi um “fracasso”, segundo ele, porque não havia tempo para estudar os índios, como revela o diário da expedição que ele guardou por 60 anos e que está sendo lançado em livro. Batizada “Um Outro Olhar”, a obra organizada pela historiadora Heloísa Bertol Domingues traz também 283 fotos das 800 que o aprendiz de etnólogo fez na expedição.

Castro Faria participou da viagem por uma exigência legal: toda expedição estrangeira deveria ter um fiscal do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas, que funcionaria de 1933 a 1968 com o objetivo de vigiar o que estava sendo retirado do país.

Contra Lévi-Strauss havia uma suspeita adicional do Estado Novo, segundo Castro Faria: a de que seria “comunista”. A suspeita alimentava-se da ligação de Lévi-Strauss com o etnólogo Paul Rivet, diretor do museu do Homem em Paris e deputado socialista à época. O clima de caça às bruxas era tamanho que o conselho havia negado o primeiro pedido feito pelo etnólogo. A negativa tinha um sentido grave: Lévi-Strauss tinha chegado ao Brasil em 1935 para dar aulas na recém-criada Universidade de São Paulo.

A escolha de Castro Faria como fiscal foi uma forma de evitar um incidente com a França. O escritor Mário de Andrade —que financiava a expedição como diretor do Departamento de Cultura de São Paulo, o embrião da Secretaria Municipal— fez um acordo com Heloísa Alberto Torres, diretora do museu Nacional, e obteve a autorização.

Se soubessem como Lévi-Strauss se comportaria na mata, os burocratas de Getúlio Vargas não teriam perdido tempo com vetos. Segundo Castro Faria, o etnólogo francês era “desajeitado, inteiramente diferente daquilo que se espera de um homem que faça pesquisa de campo”, sem “o menor interesse pelas coisas práticas”. O ápice da inépcia está relatado em “Tristes Trópicos”, mas sem a ênfase devida, segundo Castro Faria. Foi quando Lévi-Strauss se perdeu da expedição e fez o que nunca deve ser feito quando se viaja sobre burro: deu um tiro para o alto, tentando avisar onde estava, mas ficou sem montaria —o animal desembestou mata afora.

O caminho escolhido para chegar à serra dos rios Juruena e Gi-Paraná, na Amazônia, não era virgem, mas tinha algo que interessava a Lévi-Strauss: índios que guardavam traços de uma organização complexa, mas estavam em fase de desorganização, os nambiquaras.

Lévi-Strauss decidiu voltar à trilha aberta nos anos 10 por Rondon, as chamadas Linhas Telegráficas e Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas, por causa dos relatos do próprio Rondon e do etnólogo Edgar Roquette-Pinto sobre os nambiquaras.

Castro Faria faz péssimo juízo sobre o trabalho etnológico de Lévi-Strauss na expedição descrita em “Tristes Trópicos”. Para ele, simplesmente não há etnologia no livro mais célebre de Lévi-Strauss por causa da ausência das variáveis de espaço e tempo. “Você encontrou algum dia em ‘Tristes Trópicos’ lugar, data, hora? Não tem.” Por essa razão, seria uma obra filosófica. “Não é um livro de antropologia, de etnologia. De jeito nenhum. Nunca foi.” Procurado pelo **Mais!** em Paris, Lévi-Strauss, hoje com 93 anos, disse que não tinha interesse em comentar a interpretação de Castro Faria.

Etnologia mesmo, na visão dele, existe no clássico “As Estruturas Elementares do Parentesco”. “Tristes Trópicos” tornou-se um clássico do século 20 na visão de críticos tão díspares como Susan Sontag e George Steiner por causa da escrita encantatória, mais próxima de Proust do que de Malinowski. “É agradável, não vou investir contra ‘Tristes Trópicos’”, resume Castro Faria.

Professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense, Castro Faria é uma espécie de antropólogo dos antropólogos —foi um interlocutor frequente de Darcy Ribeiro, por exemplo, e um dos implantadores da antropologia como especialidade acadêmica no Brasil.

Autor de ensaios sobre arquitetura popular, pesca e garimpo, reunidos em dois volumes batizados britanicamente de “Escritos Exumados”, Castro Faria recebeu o **Mais!** em seu apartamento numa vila na praia de Icaraí, em Niterói, para a entrevista reproduzida a partir da próxima página.



Livro marca estréia de editora

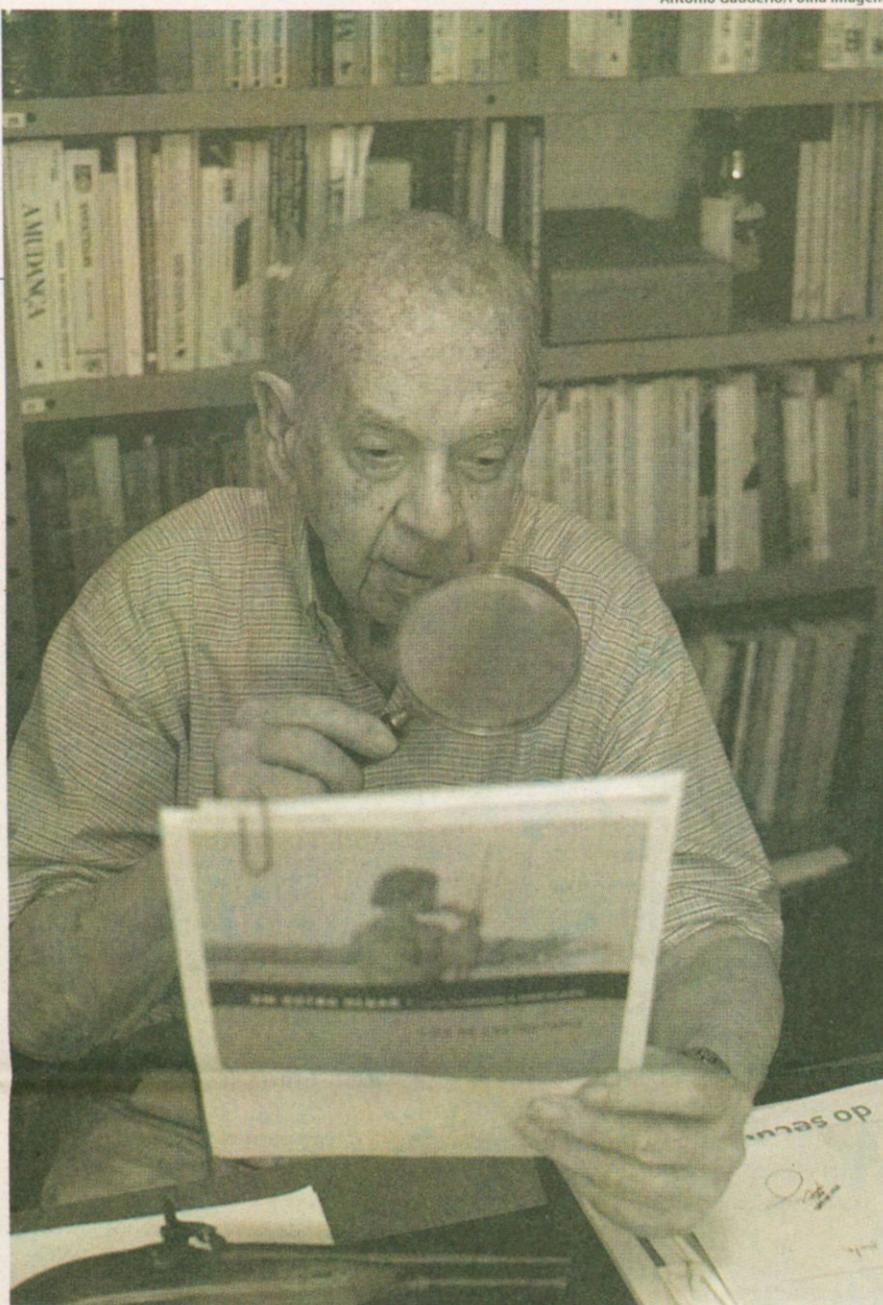
O livro "Um Outro Olhar" é o primeiro lançamento da editora Ouro sobre Azul, empresa que pretende se concentrar em obras que discutam questões ligadas ao tema da identidade brasileira, dando especial atenção ao tratamento gráfico. A publicação de "Um Outro Olhar", de Luiz de Castro Faria, contou com o patrocínio do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e da empresa Monsem & Leonardos.

Os próximos lançamentos da editora devem ser uma biografia de um funcionário de segundo escalão que, durante o Império, tentou lutar contra o patronato escrita pelo crítico literário Antonio Candido e uma análise feita por Lélia Coelho Frota da obra da artista plástica Maria Leontina.

Luiz de Castro Faria



Dinah Lévi-Strauss (à esq.) faz anotações enquanto aguarda o conserto do caminhão da expedição realizada em 1938, em local conhecido como Caixa Furada



“Para os franceses, a vinda para o Brasil era uma delícia; viviam em uma sociedade extremamente afrancesada”

Por que o sr. esperou 63 anos para publicar o diário da expedição?

Táí uma pergunta que eu não sei responder. Posso conjecturar. Essa expedição, tanto para mim quanto para o Cláudio, o Claude, foi um ritual de iniciação. Nós queríamos nos tornar antropólogos. Ninguém se transforma —ou se transformava— em antropólogo sem realizar trabalho de campo. O Lévi precisava. Ele não teria condições de se firmar na França como etnólogo se não tivesse realizado o trabalho de campo. O Lévi-Strauss demorou uns 15 anos e publicou “Tristes Trópicos”, onde há relatos breves da expedição... Esse livro, se fosse seguida minha preferência literária, sabe como é que se chamaria? “Ridentes Trópicos”.

Por que ridentes?

Porque, para os franceses, a vinda para o Brasil era uma delícia. Eles ganhavam mais do que os professores brasileiros, viviam numa sociedade brasileira extremamente afrancesada. Você sabe que as jovens brasileiras eram ex-alunas do Sacré Coeur, do Sion. Então, elas falavam e escreviam em francês.

Eles se mantinham no Brasil numa sociedade sequeirosa de ouvir francês, de conviver com franceses. Os franceses tinham uma vida deliciosa aqui. O geógrafo Pierre Mombeig, que foi muito meu amigo, contou uma vez que, numa reunião da congregação



da Faculdade de Filosofia de São Paulo, os professores brasileiros fizeram um protesto contra a diferença de vencimentos. E queriam rebaixar os salários dos franceses. O Mombeig disse: "Não vejo razão nenhuma para ganharmos mais do que os professores brasileiros. Mas, em vez de baixar o nosso vencimento, por que não elevar o de vocês?". Não sei se foi aceita a proposta.

Como o sr. foi escolhido para participar da expedição à serra do Norte?

Eu e Mário de Andrade tínhamos um interesse em comum: pesquisávamos habitação popular. Isso foi depois da expedição, mas tem a ver com o fato de eu ter sido indicado para a expedição. Em primeiro lugar, não havia muitos antropólogos nem eram antropólogos, eram aspirantes. Eu estava iniciando minha carreira no museu Nacional. Em São Paulo, havia só um candidato. A expedição foi em 1938, na ditadura Vargas. Eu tenho até hoje dois salvos-condutos daquela época. O espaço brasileiro era vigiado, controlado. Eu era fiscal desse órgão, um órgão controlador do espaço e de todas as atividades estrangeiras realizadas no Brasil. Chamava-se Conselho Nacional de Fiscalização [frisa o termo] das Expedições Artísticas e Científicas. Ninguém entrava no Brasil sem ser autorizado. Em alguns casos, sem ser autorizado e vigiado. A expedição do Lévi foi uma expedição suspeita, inclusive.

Por que o conselho insistia tanto em ter um brasileiro na viagem? Havia algum tipo de reserva contra Lévi-Strauss?

Havia. O Lévi era um jovem pesquisador patrocinado por um grande nome, um americanista chamado Paul Rivet. Rivet era deputado socialista na França. No Brasil, socialista era comunista, não havia distinção. O Rivet era membro-correspondente da Academia Brasileira de Ciências e teve o nome indicado para exclusão da condição de correspondente pelo fato de ser socialista.

Havia um clima de caça às bruxas?

Havia, sem dúvida. O Rivet era um grande americanista, tinha mais de 200 trabalhos publicados e queriam excluí-lo da academia.

O sr. recebeu alguma instrução para vigiar Lévi-Strauss?

Não, expressamente não. Era só uma função que constava de lei: as expedições tinham de ter um fiscal brasileiro e eu fui nomeado por intervenção de Heloísa Alberto Torres [diretora do museu Nacional à época] e Mário de Andrade. Fui representando o museu, mas fui pago pelo Departamento de Cultura de São Paulo [órgão equivalente à Secretaria Municipal de Cultura].

O conselho não tinha instruções para regular as viagens de pesquisa?

Acho que tinha, mas eram muito discretas. As instruções eram rigorosas sobre a saída do material coletado. Tinha que haver uma divisão. Tudo que o Brasil não tivesse ficava no Brasil, peças únicas ficavam no Brasil. Elas só podiam sair pelo porto do Rio, onde o museu Nacional fazia a vistoria da coleção, ou pelo porto do Pará, onde o museu Goeldi fazia essa vistoria.

Lévi-Strauss começa o livro "Tristes Trópicos" reclamando das expedições, com uma frase que se tornaria clássica: "Odeio as viagens e os exploradores". Como ele se comportou na expedição ao Mato Grosso e Rondônia?

Eh, Eh, Eh... Ele tem toda a razão para odiar.

Mas essa é a antítese do etnólogo, alguém que deveria gostar de expedições. Por que Lévi-Strauss tem toda a razão para odiá-las?

Porque ele é um "normalien" [egresso da Escola Normal Superior, que formava a elite francesa na área de humanidades], homem que estudou filosofia, que não tem o menor interesse pelas coisas práticas, objetivas. Ele está sempre pensando em algo que ele ache realmente importante. Ele não gostou muito quando falei isso numa entrevista na França, ao "Li-

bération". Eu disse que ele não podia ser expedicionário, que não tinha condições físicas. Ele é um homem desajeitado, inteiramente diferente daquilo que se espera de um homem que faça pesquisa de campo. Diferente de mim, por exemplo. Antes de ir à expedição, eu caçava, conhecia armas. O Lévi nunca teve a menor atividade desse tipo.

O sr. se lembra de algum exemplo dessa inabilidade de Lévi-Strauss na expedição?

Está nos "Tristes Trópicos", não com a ênfase que deveria ter, porque foi um momento grave da expedição, foi um momento difícil. Vínhamos de uma estada numa suposta aldeia nambiquara —de fato não era, havia uma situação conflituosa entre diversos nambiquaras. Nós passamos a noite apoiados nos arreios e nas armas e de manhã retornamos porque a situação não era nada cômoda. No meio dessa viagem, de repente, descobrimos que estava faltando o Lévi-Strauss.

Onde ele tinha se metido?

Ele tinha se perdido e fez a maior besteira em termos de quem vive em campo, em expedições. De cima do burro, ele deu um tiro e o burro jogou ele no chão. Então, ficou perdido e sem a montaria, desarvorado. Nós passamos momentos de apreensão que só quem viveu lá pode sentir. Nós sempre fomos prevenidos de que deveríamos andar sempre armados. Os nambiquaras só respeitavam um poder maior do que o deles. Nós estávamos com eles e, quando sentimos a falta de Lévi, pelo menos foi a minha impressão, os nambiquaras ficaram aterrorizados. Porque, se tivesse acontecido com Lévi-Strauss alguma coisa, nós os matariamos, nós é que tínhamos armas.

Vocês os matariam?

É difícil dizer. Jean Albert Vellard [médico e naturalista francês], logo no começo da expedição, foi muito franco comigo. Disse: "Eu quero prevenir você de que, de jeito algum, levo em conta essa ideologia do Rondon: 'Morrer, se preciso for. Matar, nunca'". O Vellard disse: "Se me sentir ameaçado, eu mato".

O sr. teve alguma conversa desse tipo com Lévi-Strauss?

Não, o Lévi é um homem muito introvertido, é um homem silencioso, está sempre pensando em grandes questões filosóficas. Eu tinha boas conversas com a mulher dele, Dinah Lévi-Strauss, que deixou a expedição logo no começo porque contraiu conjuntivite. Dinah era muito simpática, muito sexy, uma mulher bonita. É muito difícil conversar com o Lévi ainda hoje. O Lévi é um homem circunspecto, silencioso, está sempre pensando. Dá sempre a impressão, a quem o procura, de que está sendo perturbado.

O Lévi-Strauss fez diário da expedição?

Não, não fez. Ele confessa nos últimos trabalhos que etnografia é trabalho de mulher. Quem fazia a etnografia da expedição era Dinah. Dinah foi preparada para isso. Fiz retratos dela trabalhando com índios, fazendo anotações. Lévi não fazia isso.

O sr. acha que ele pode ter se valido dessas notas da mulher para fazer os trabalhos que publicou em Nova York nos anos 40 e em "Tristes Trópicos"?

Não, mesmo porque tem muito poucas notas. Você encontrou algum dia em "Tristes Trópicos" lugar, data, hora? Não tem.

Fotos Luiz de Castro Faria



No alto, o antropólogo Luiz de Castro Faria, em seu apartamento, em Niterói (RJ); ao lado, a partir da esq., Lévi-Strauss com índia e crianças em Utiariti; Castro Faria na viagem e Dinah com índia na posição típica usada para sentar





Continuação da pág. 7

O sr. acha isso uma deficiência?

É difícil definir como deficiência, porque você, em primeiro lugar, tem de aceitar a posição do autor. Lévi-Strauss foi com problemas teóricos à expedição. Ele não procurou os nambiquaras por acaso. Procurou os nambiquaras por achar, pelas leituras que havia feito, que fosse uma cultura que tinha perdido suas características mais importantes.

Quais seriam essas características?

Seriam as de uma sociedade tribal, como todas as outras, com casas permanentes, com relações regulares. Os nambiquaras que ele foi procurar eram, de fato, uma tribo em fase de desorganização.

O sr. conseguiu intuir durante a expedição quais eram as pretensões etnológicas de Lévi-Strauss?

Não, porque ele não falava. Fiquei sabendo pela observação diária. Ele estava sempre obtendo dados sobre o sistema de parentesco. Ele buscava dados etnográficos de todo mundo, que reuniu num livro clássico, "As Estruturas Elementares do Parentesco". Os nambiquaras eram considerados um dos níveis mais elementares, mais primitivos, e ele tinha interesse nisso. Há um documento no qual ele fala na razão da escolha dos nambiquaras. A razão é essa: os nambiquaras, na literatura internacional, ficaram conhecidos como um grupo extremamente primitivo — pode botar aspas se quiser. Roquette-Pinto, em 1912, quando estuda os nambiquaras com o general Rondon, leva para o museu Nacional — o que na época era admissível, mas não deixa de ser um caso de espoliação — 70 machados de pedra. Quando eu estive lá, eles não tinham mais machado de ferro,

que Rondon tinha deixado lá, e já não sabiam fazer machado de pedra. Os índios usam ferro sem conhecimento do material e em pouco tempo perdem tudo. Eles sabem amolar o ferro, mas não conservá-lo.

O sr. acha que esse estudo sobre o parentesco nos nambiquaras pode ser o germe do estruturalismo, que mudaria a história da antropologia?

Não creio. Minha posição é muito clara e negativa: a expedição à serra do Norte foi um fracasso total.

Como um fracasso gera um clássico como "Tristes Trópicos"?

Pelas qualidades do escritor.

Mas por que foi um fracasso?

Foi um fracasso em termos de etnografia. A expedição foi um grande equívoco, um grande erro. Nós passamos o tempo todo andando. Não permanecemos tempo suficiente em lugar nenhum para estudar alguma coisa. Nós estávamos sempre viajando.

A sensação que o diário do sr. transmite é de aflição: vocês estavam sempre levantando acampamento.

Eu sentia aflição o tempo todo pela falta de tempo para permanecer num lugar junto de um grupo de índio qualquer para estudar. Nunca tivemos isso. Passamos pouquíssimos dias com os índios. Estávamos sempre indo adiante, encontrando índios diferentes. Foi uma viagem enorme, dispendiosa.

Parece patética porque não havia foco na expedição. O texto do sr., ao se deliciar com os encontros, lembra uma aventura.

Foi uma aventura para mim. Era uma delícia de expedição em termos de conhecer pessoas. Uma noite eu não conseguia dormir com o barulho que vinha de uma casa construída a metros de onde eu estava hospedado. Resolvi ir para lá. Era um velório de uma criança. Eu, que já tinha lido Gilberto Freyre muito bem, lembrei dos velórios. No interior, criança não vai para o inferno, está livre. O velório não é um ato de tristeza, é de alegria. Eles riem, contam histórias.

Em outra festa que durou dias, a festa de São Lázaro, o sanfonista era um preto, um preto barbadiano, da ilha de Barbados. Eles falam inglês, cheio de "slang". Ele tocava sanfona e uma das músicas mais apreciadas para dançar era a "Mar selhesa". O Lévi estava nessa festa.

Se foi um fracasso a expedição, como Lévi-Strauss tirou tanto dela?

Ele não tirou nada dela. Escreveu "Tristes Trópicos", que não tem nada de etnologia, e não escreveu nada sobre os nambiquaras.

Seria um livro filosófico?

Claro. É um livro de pensamento de um homem inteligente, competente, mas não é um livro de antropologia, de etnologia. De jeito nenhum. Nunca foi.

O sr. não está sendo um pouco rigoroso sobre a etnologia. Será que o livro não é justamente sobre a crise da etnologia no século 20, com o extermínio de dezenas de povos?

Pode ser. Eu não tenho a menor pretensão de julgar literariamente "Tristes Trópicos". Li um exemplar com dedicatória a Darcy Ribeiro, que ele me passou, porque o Darcy era monolíngue.

O que faltaria a "Tristes Trópicos" para ser um livro etnológico?

Falta toda a sistemática da etnologia, o ordenamento.

Não pode ser um livro sobre a crise da etnologia?

Não. Seria um livro sobre a crise do Lévi-Strauss. "Tristes Trópicos" ficou porque é um livro bem escrito, bem produzido, agradável de ler. Quer outro exemplo? "Rondônia", de Roquette-Pinto. É um livro delicioso, mas não é um livro de etnologia.

O sr. voltaria a reencontrar Lévi-Strauss nos anos 50, quando ele já se tornara uma personalidade no mundo intelectual. Como foi o reencontro?





Nambiquaras jogam "headball" em Vilhena; abaixo, índia fia algodão em Utiariti (à esq.), mateiros carregam veado abatido em local conhecido como Caixa Furada e Lévi-Strauss fotografa índio em Utiariti

Fotos Luiz de Castro Faria



Ele presidiu uma sessão da Sociedade Americanista de Paris em que eu fiz uma comunicação sobre sambaquis. Ele sempre me tratou com muita simpatia. Me convidou para jantar depois.

Durante a expedição, havia alguma birra do Lévi-Strauss contra o senhor?

Não. A birra, ele expressou agora. Dei uma entrevista na França sobre a expedição, em que declarei que ele não tinha "physique du rôle" para ser etnólogo. Ele não gostou. Me chamou de tolo. Não tem sentido eu ser contra Lévi. Ele está nos píncaros e eu aqui embaixo, na planície. Lévi é indiscutivelmente a maior figura da antropologia, da etnologia no século, e tem trabalhos excelentes, uma grande erudição.

Por que a expedição à serra do Norte tem uma aura mitológica entre os antropólogos?

É a única posição que ela pode assumir. O que há de representativo dela? Nada. "Tristes Trópicos" não é um livro resultante da expedição. Não sei se você já notou, que é uma coisa realmente impressionante e por isso esse livro talvez tenha alguma importância: é que no Lévi não há data, não há lugar. Ele fala das impressões dele, é inteligentíssimo.

Parece um tempo mitológico.

É. Não tem realidade. É um livro em que espaço, tempo e lugar não são contemplados. É agradável, não vou investir contra "Tristes Trópicos". ■

Leia a seguir trechos de “Um Outro Olhar - Diário da Expedição à Serra do Norte”, de Luiz de Castro Faria

Abril 19 [São Paulo]

“À noite, em companhia de um amigo gentil, percorri a cidade. São Paulo apresenta um aspecto confuso, desconcertante. Falta-lhe harmonia, proporção. A cidade do interior e a grande metrópole convivem juntinhas. E ainda é mais provinciana e camponesa que cidadina. Apesar da industrialização.”

Abril 21

“Com uma manhã nevoenta e fria, saí para visitar o bairro Santo Amaro, onde a fidalguia econômica de São Paulo possui as suas casas de campo. Algumas delas são de notável bom gosto.”

Abril 28 (Quinta-feira) [Corumbá]

“Depois do almoço saí a percorrer a cidade, e trouxe uma impressão de profunda tristeza. Ruas inteiramente desertas, velhas portas cerradas, nenhum sinal de vida. Parece que aqui ninguém ama o conforto; as casas vão caindo aos pedaços, até ruírem totalmente, mas jamais as consertam. Quando se tornam imprestáveis mudam-se para outras. Construções novas contam-se nos dedos da mão.

Corumbá vai morrendo aos poucos, resignadamente. Como quem cumpre uma predestinação.”

Maió 2 [rio Paraguai]

“A viagem pelo Paraguai é uma delícia para os olhos. De manhã à noite os cenários se modificam e se animam com a presença de aves, ora serenas, indiferentes, ora inusitadas, cortando rápidas o ar, para o encanto de nossa visão. Assim as horas escoam rapidamente, e mal sentimos passar os primeiros dias de viagem.”

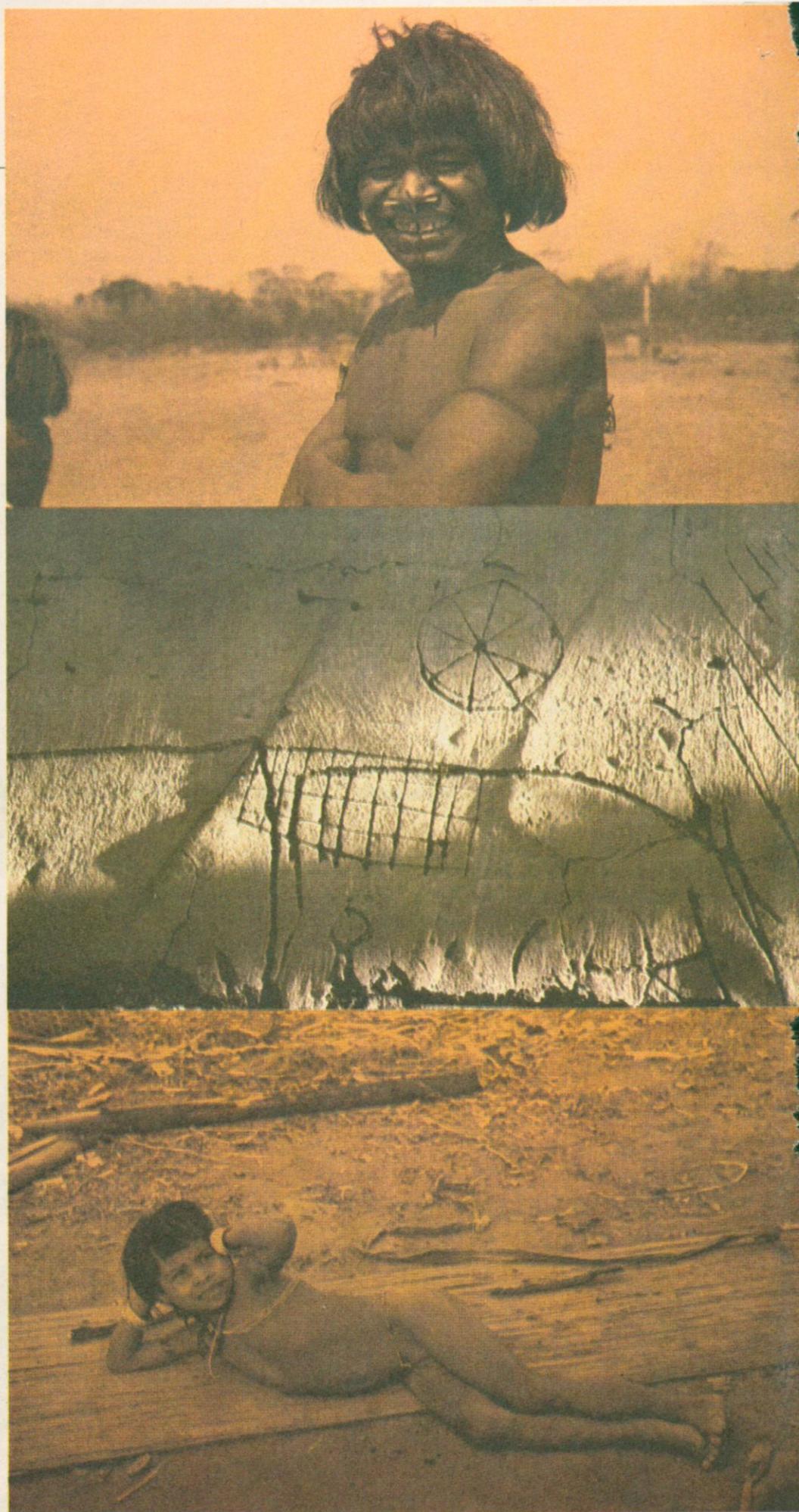
Junho 16 [Sacre]

“Às 11h rumamos para Utiariti, distante apenas três léguas. Já levamos a certeza de ali encontrar alguns Nambiquaras, pois a notícia fora confirmada pelo encarregado da balsa de Sacre.

Realmente, uma vez chegada a margem do Papagaio, para o transporte e acondicionamento da nossa carga, veio ao nosso encontro um padre jesuíta da missão no Juruena, acompanhado de três índios, inteiramente nus, estatura mediana, membros bem desenvolvidos: o capitão Julio, chefe da maloca, José Maria e Lebre. Ajudaram a transportar a bagagem da balsa para uma cabana próxima, que serviria de armazém. Interessante que ao transportar os pequeninos caixões onde trazíamos os machados, um deles reconheceu perfeitamente o seu conteúdo, e com grandes risos falou dos seminus. Essa parte da carga foi logo conduzida com grande satisfação, e alarido...”

Junho 17 (sexta-feira) [Utiariri]

“Amanheci ainda inteiramente dominado pela impressão, decerto inesquecível, que me causou o primeiro contato com os índios.



À noite, sentado ao lado deles, em torno dos fogos, ouvi-os cantar cerca de uma hora, a música de um compasso perfeito, marcado regularmente pelo bater do pé dos que dançam, é bastante agradável.

De manhã saí em companhia do missionário jesuíta, padre Alonso Melo, e fui até um lugar de onde se divisava o salto de Utiariti. Ele voltou, acompanhei-o a casa e forneceu-me ele então preciosos informes, e muitas expressões de linguagem intermediária usadas por ele e por gente do telégrafo para chegar ao entendimento com os Nambiquaras.”

Junho 18

“(…) observação da vida familiar indígena e organização do vocabulário. Um pouco de repouso após a refeição, devido ao sol que é intenso, e logo depois início do estudo dos resultados conseguidos. À noite ficamos longo tempo ao lado deles, sendo a nossa companhia particularmente apreciada pelas crianças, que nos tomam como comparsas em seus divertimentos.”

Junho 30

“O dr. [Jean] Vellard [médico francês] convidou-me para o auxiliar na experiência que resolveu fazer com o veneno das flechas nambiquaras. Tinha conseguido um cachorro e uma ponta de flecha envenenada, e queria

proceder a experimentação in loco. Resultado positivo. Descoberto um músculo da perna esquerda traseira foi introduzida a ponta da flecha (4,5 cm). Depois de passados cinco minutos foi retirada, tendo o animal apresentado sintomas normais de intoxicação, com grande diminuição da sensibilidade, e total anestesia da parte ferida. Quinze minutos depois foi novamente introduzida a ponta da flecha; os sintomas já verificados reapareceram, e em pouco mais o animal morria por asfixia. Feita a autópsia notou-se um congestionamento geral dos órgãos e do sistema periférico.”

Setembro 17

“Sabaneses —em 1929 seriam mil e tantos. Em novembro do mesmo ano, uma epidemia de gripe atingia um grupo e 48 homens acompanhados de suas famílias, num total de 300 pessoas que no Espirito esperavam a vinda do general. Desses, só sete escaparam, mas suspeitou-se que tinham levado o mal para a maloca, produzindo mortandade maior. Em 1931 uma turma em visita a Campos Novos, juntamente com os Manducos, foi novamente atingida pelo mal perecendo entretanto apenas uma mulher. De volta à maloca transportavam a doença que iria causar novas vítimas. Os manducos sabedores da situação em que se achavam os sabaneses atacaram a sua maloca matando grande número deles.

Em 1932, pressionados pelos manducos apareceram no posto de Vilhena: eram apenas 97. Residiram no posto durante três meses. Em 1935 foram a José Bonifácio, a chamado do telegrafista, para trabalharem numa roça e ali contraíram mais uma vez a gripe, que causou mais vítimas. Hoje restam apenas 21 homens e 20 mulheres.

10 de outubro [Seco do Ouro]

“Uân Uân —mágico ‘doutor’; fazia interessantíssimos passes depois de soprar tabaco nas narinas de um outro. Poucos fazem uso; mas sempre que se reúnem para tomar passes, um menino, o único a estar presente, também faz uso. O tabaco é dado num longo tubo que termina num orifício seguindo, me parece, a extremidade de um coco e preso ao tubo com cera; dois pedaços circulares de nácar, com um ponto preto ao centro, completam a zoomorfia. Não soube dizer-me de que era feito, alegando que eles não possuíam, mas que tinham trazido de outra tribo, onde havia muitos outros e vários ‘doutores’.”

Dezembro 11

“A impressão que tive, ao desembarcar em Porto Velho, foi inteiramente nova para mim. Impressão de quem chega em terra estranha. Infelizmente não durou muito. A primeira parte da cidade, junto ao porto, é moradia exclusiva do pessoal da companhia. São casas grandes coletivas com grandes varandas protegidas com uma tela fina, tudo de um jeito que revela influência exótica. Os construtores da estrada de ferro imprimiram em tudo que aqui deixaram, a marca da origem. Não posso dizer que Porto Velho lembre uma vila inglesa, mas indiscutivelmente é vila de ingleses no Brasil.

A outra parte da cidade, a da população que não fazia parte da estrada, nada apresenta de particular. Casas de tijolos, ora nus, ora barreados apenas na fachada, cobertura de zinco ou de telhas, em duas águas. Alguns sobrados. Tudinho brasileiro.

É possível que antes as duas cidades tivessem vida independente. Os ingleses tinham naturalmente —quase não seria preciso dizer— um Club. Tinham também um hotel. Por conseguinte, muito provavelmente, a vida chatíssima que levavam nada teria com a vida chata da gente da outra cidade. Uns jogariam bridge, enquanto os outros jogariam dominó, beberiam ‘whisky’, enquanto os demais tomariam cachaça. Teriam apenas a mais um cheiro forte de cachimbo. Uma nota pitoresca, ao menos para mim, na vida dos ingleses, isto é, a da companhia (que agora seja dito em altos brados, é toda brasileira) são os negros barbadianos. Negros falando inglês eu só conhecia os do cinema, por isso me pareceu que todos eles tinham fugido da Tela para ali.

Chamar um negro brasileiro de barbadiano é atirar-lhe o maior dos insultos, mas os barbadianos procuram sempre passar por brasileiros. “São eles, atualmente, os mandatários do hotel que se chama Brasil.”

Fotos Luiz de Castro Faria



Nambiquaras exibem adornos em Utiariti, mesmo local onde faziam desenhos rupestres na parede das casas; ao lado, o caminhão usado na viagem na primeira parada no Mato Grosso, em Pareci